



José Teixeira da Mota: o homem e o político

Isilda Braga da Costa Monteiro*

Palavras-chave

Lousada, José Teixeira da Mota, Jornal de Lousada

Keywords

Lousada, José Teixeira da Mota, Jornal de Lousada

Resumo

José Teixeira da Mota viveu, em Lousada, os tempos conturbados que marcaram Portugal no final do século XIX e as quatro primeiras décadas do século XX. Defensor de que uma terra sem imprensa era uma terra morta, iniciou em 1907 o Jornal de Lousada. Até 1939 a história deste periódico confunde-se com a do homem que o fundou e de que era director. As polémicas e as lutas travadas nas páginas do Jornal de Lousada foram também as suas polémicas e as suas lutas, alimentadas por editoriais e artigos escritos por si sempre de forma envolvida e apaixonada. É, assim, através do seu jornal, do que nele escreveu e sobre o que sobre ele outros escreveram, que nos é hoje possível conhecer José Teixeira da Mota como homem e como político comprometido com a sua terra.

Abstract

José Teixeira da Mota lived in Lousada the troubled years of Portugal in the late 19th century and the first four decades of the 20th century. Arguing that a land with no press was a dead land, he founded in 1907 the Jornal de Lousada. Until 1939 the history of this publication is the story of his founder and director. The controversies and the struggles waged in the pages of Jornal de Lousada were also his polemics and his struggles, powered by involved and passionate editorials and articles written by him. Thus, it is through his newspaper, what he wrote about and what others had written about him, that it is possible, today, to know José Teixeira da Mota as a man and a politician committed to his land.

* Investigadora doutorada. CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade

A comemoração do primeiro centenário da República, como todas as comemorações ou evocações, reflecte necessariamente as preocupações, as questões, os problemas, as dúvidas, as tensões, as expectativas e as opções do momento actual. Comemora-se ou evoca-se, da mesma forma que se silencia ou esquece, o que se considera poder ser uma mais-valia para a época à luz dos interesses e objectivos do momento. Como já tivemos oportunidade de escrever num outro lugar a propósito da comemoração do duplo centenário das Invasões Francesas, “Evocar o passado, mais do que lembrá-lo simplesmente, tem sido, assim, também um meio para veicular uma interpretação do presente, uma representação da nação, do povo ou das características que se consideram adequadas, perspectivando um outro futuro. Por isso, quase sempre nestas ocasiões, não é o passado que está unicamente em causa, mas é antes o presente e o futuro que aparecem perante nós” (Maia e Monteiro, 2011). Dessa forma, as comemorações e/ou evocações constituem uma excelente oportunidade para alargar a reflexão e o debate a outras perspectivas, a outros intervenientes e a outros públicos, retirando-os ao mais restrito e exclusivo meio académico. No caso concreto da comemoração do primeiro centenário da República, apesar do ênfase colocado ao nível nacional, através de um ambicioso e exigente programa com grande impacto junto dos meios de comunicação, foi, sobretudo ao nível local, que, coordenando ideias e esforços, se criaram pontos de encontro para (re)conhecer e reflectir sobre os cenários, os factos e os protagonistas de há cem anos. Uma oportunidade que Lousada não desperdiçou, nomeadamente pela organização da segunda edição das *Jornadas de História Local* subordinadas ao tema da Primeira República.

Alvo de uma homenagem, no âmbito das comemorações locais do centenário da República, com o descerramento de uma placa toponímica numa das ruas da vila, José Teixeira da Mota é um desses protagonistas, uma figura incontornável quando se fala de Lousada nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Personificando a força, a incongruência (mesmo



Figura 1. José Teixeira da Mota (Lousada: *Colectânea de Autores Locais*. Lousada: CML, 2002).

que só aparente), a persistência, a capacidade de se adaptar ou, pelo contrário, de resistir à mudança que caracteriza este conturbado período da nossa história, José Teixeira da Mota é, sobretudo, e acima de tudo, um homem de Lousada que defendeu os interesses da sua terra, que acompanhou a evolução política, sem se apegar teimosamente a ideais rígidos e necessariamente redutores. Na realidade, com uma vida intensa que atravessou praticamente por inteiro as três últimas décadas de Oitocentos e as primeiras três de Novecentos, Teixeira da Mota conviveu com diferentes sistemas e regimes políticos, desde a monarquia constitucional até às ditaduras militar e salazarista, passando pela primeira república. Viveu-os com intensidades diferentes, de acordo com o seu posicionamento político e a sua própria capacidade para se envolver e participar – com as ilusões da juventude durante a monarquia, com as certezas da maturidade na primeira república e, tanto quanto nos parece, com as grandes

desilusões de quem perdeu a esperança no futuro, no Estado Novo. É este percurso de vida como homem, como jornalista, como político, como lousadense empenhado no progresso da sua terra, que procuraremos traçar neste pequeno estudo, que pretende tão-somente e com base na documentação escrita a que tivemos acesso, trazer até nós alguns aspectos deste homem interventivo e empenhado. Apesar de ser uma figura marcante da história recente de Lousada e de ser possível através do jornal que fundou e dirigiu ao longo de muitos anos, acompanhar a evolução política do seu posicionamento e da sua acção, existem sobre José Teixeira da Mota algumas facetas, sobretudo ao nível familiar, mais inacessíveis que só a recolha de memórias familiares poderá, certamente, colmatar. Um caminho em aberto que mais tarde contamos vir a realizar.

José Teixeira da Mota nasceu no dia 2 de Março de 1871, em S. Fins do Torno¹, e foi baptizado na respectiva igreja paroquial, três dias depois, a 5 de Março. Ficou registado como filho natural de Justina Rosa Teixeira, criada de servir, natural de Travanca em Amarante, mas residente no lugar da Torre, no Torno. Teixeira da Mota é assim, oficialmente, filho de uma mulher solteira e de pai incógnito e sempre assim se apresentará nos momentos mais significativos da sua vida, como os casamentos (casou por duas vezes) e o baptismo dos vários filhos que veio a ter. É aliás com esse argumento – o de ser o filho mais velho de uma mulher solteira – que, em 1891, já com vinte anos, obtém a dispensa do cumprimento do serviço militar². Num único registo a que tivemos acesso, o do baptismo da sua filha Maria das Dores, na freguesia de Silves, em 26 de Agosto de 1898, aparece referido como avó paterno da criança, ou seja, pai de Teixeira da Mota, o

nome de Manuel Luís da Mota³. A coincidência do apelido permite-nos pensar que esse poderá ter sido efectivamente o seu pai, sobre o qual apenas sabemos ter sido emigrante no Brasil e ter morrido, pobre, antes de 1886 ou 1887 (JL - 9 de Agosto de 1908, p.1). Sem nunca nos ter parecido ter havido uma formalização legal quanto à paternidade, o pai de Teixeira da Mota seria, certamente, conhecido de todos, na época, inscrevendo-se a história do seu nascimento dentro dos parâmetros habituais de uma sociedade rural fortemente hierarquizada com um quotidiano cruzado por costumes e hábitos de sociabilidade profundamente enraizados e por uma cultura profundamente religiosa e moralista (Mattoso, 2011). Desconhecemos, assim, os contornos que envolvem o nascimento de Teixeira da Mota, bem como as razões pelas quais a paternidade não terá sido assumida oficialmente apesar de o ter sido, aparentemente sem grandes problemas, publicamente. Na realidade, tanto quanto podemos inferir da documentação, o pai de Teixeira da Mota, que teria mais filhos emigrados no Recife (VN - 10 de Março de 1928, p.2), na segunda década do século XX, proporcionou-lhe, como veremos, os meios materiais para ter uma educação que claramente estaria fora das possibilidades da sua mãe, com a qual José Teixeira da Mota terá mantido uma relação próxima, vindo a ser madrinha do seu primeiro filho⁴. Deveremos, ainda, referir que o apadrinhamento de José Teixeira da Mota junto à pia baptismal é feito por José Luís da Mota, morador com seu pai no mesmo lugar da Torre em que, Justina Rosa Teixeira, vivia e trabalhava como criada de servir⁵. Uma vez mais, a coincidência de apelido não será, certamente, fruto do acaso.

¹ ADP - Fundo Paroquial, Baptismos, S. Fins do Torno, Lº 25, fl. 4.

² ADP - *Livro do Recenseamento do concelho de Lousada*, 1891-1893, fl. 2.

³ ADP - Fundo Paroquial, Silves, Baptismos, Lº 25, assento n.º 16.

⁴ ADP - Fundo Paroquial, Silves, Baptismos, Lº 21, assento 11.

⁵ ADP - Fundo Paroquial, S. Fins do Torno, Baptismos, Lº 25, fl. 4. A madrinha foi Maria Carneira, viúva, moradora no lugar da Torre.

José Teixeira da Mota iniciou a sua formação na escola da freguesia do Torne onde passou os primeiros anos de vida, nas aulas do professor Januário (*JL* - 15 de Maio de 1926, p.1). Terá ingressado depois no Seminário dos Carvalhos, onde deverá ter estado cerca de dois anos, entre 1884 – data da sua fundação – e 1886, quando faz 15 anos, altura em que, segundo uma carta publicada por um seu contemporâneo, no *Jornal de Lousada*, a morte do pai, sem recursos financeiros, o faz “despertar d’um sonho de grandezas” (*JL* - 9 de Agosto de 1908, p.1). Afastada, assim, a possibilidade de ingressar numa carreira eclesiástica, Teixeira da Mota terá voltado para Lousada, passando a trabalhar, por dois tostões ao dia (quando ganhava, diz-se na referida carta), como escrevente num cartório, a que veio a juntar algumas juntas de paróquia, até entrar para a secretaria da Câmara como escrevente. Em pouco tempo passou a secretário, primeiro interinamente e, em 1895, por nomeação (*GP* - 23 de Fevereiro de 1895, p.2.), cargo que veio a desempenhar ao longo de 33 anos (*JL* - [?] de Dezembro de 1939, p.2). Ao mesmo tempo constitui família. Casa em 28 de Abril de 1893, na igreja de Silvares, com Maria das Dores Pinto Nogueira Pires, então com 17 anos, filha de Manuel Pinto Nogueira Pires, solicitador, natural de S. Julião, na Baía, e de Umbelina de Sousa, de Meinedo⁶. Em 22 de Fevereiro de 1894, na mesma freguesia, nasce o primeiro filho, Manuel⁷.

Profissional e familiarmente instalado, com residência na rua Visconde de Alentém (Cardoso, 2008), no centro de Lousada, o percurso de José Teixeira da Mota estava traçado desde o final do século XIX, vindo a tornar-se um dos homens influentes do concelho. Desempenhando funções na Câmara Municipal, Teixeira da Mota vai estar no principal palco do poder local, movimentando-se com à-vontade nos bastidores, convivendo familiarmente com os protagonistas, vivendo intensamente todas as questões que por

lá passavam. Não era um simples funcionário. Era o homem de confiança, o homem culto e conhecedor que importava manter por perto. Razão pela qual, em 1908, é, mesmo, nomeado administrador do concelho, cargo de que virá a pedir a demissão no âmbito da chamada Questão das Cadeias de que falaremos mais à frente.

Consciente do papel importante que a imprensa poderia desempenhar na formação da opinião pública local e que uma “terra sem jornal é terra morta” (*JL* - Supl. ao n.º 2228, 9 de Dezembro de 1939), sobretudo numa época de grande efervescência política como a dos primeiros anos do século XX, Teixeira da Mota funda o *Jornal de Lousada*, juntamente com Antero Pacheco de S. Moreira e o farmacêutico Mário Pinto da Fonseca. Um jornal ao qual o seu nome ficará indissolúvelmente ligado, como único proprietário e director desde 13 de Novembro de 1907 até à data da sua morte em 8 de Dezembro de 1939, e que depois se manterá, ainda por alguns anos, na posse da sua família.

A imprensa não tinha uma grande tradição em Lousada. No final do século XIX, publicaram-se dois títulos de duração efémera – *O Louzadense* e *O Correio de Louzada* – e, no início do século XX, apenas existe o *Vida Nova*, com sede na Aparecida (Silva e Monteiro, 2008:49-51). O aparecimento do *Jornal de Lousada* veio, por isso, ocupar um espaço importante – ao qual se juntarão, anos mais tarde e apenas por curtos períodos de tempo, outros títulos –, contribuindo decisivamente para fazer de Teixeira da Mota o homem de quem obrigatoriamente se fala. Como refere alguém que escreve sob o pseudónimo de Zacarias em Agosto de 1908: “José Motta não é jornalista, mas tem um jornal; não é bacharel, mas advoga em todos os ramos do direito, não é general, e comanda um aguerrido exercito (de eleitores)”. Uma frase que nos dá em poucas palavras, a dimensão da influência que este homem adquiriu no seu concelho, quando ainda não tinha sequer quarenta anos. Segundo

⁶ ADP – Fundo Paroquial, Silvares, Casamentos, L.º 18, assento 4.

⁷ ADP – Fundo Paroquial, Silvares, Baptismos, L.º 21, assento 11.

a mesma fonte, a descrição física não poderia ser, no seu entender, mais abonatória - alto (no rol de mancebos ficou registado com 1,71⁸), magro, testa alta, boca grande: “Toda a fisionomia indica um homem inteligente e alegre”. Uma imagem forte que será repetida em outros momentos, por outras pessoas. Nas palavras da filha, Maria das Dores, o pai “Era uma pessoa que vivia rodeada de amigos, falava com toda a gente, era simpático, mas era exigente, queria tudo à sua maneira e bem-feito. Era um homem culto, dedicava muito tempo à leitura na sua imensa biblioteca”⁹. Nada que nos surpreenda.

Embora Teixeira da Mota assinasse poucas vezes os seus artigos no jornal (*Lousada*, 2002:I, 17), é através deles que conhecemos com algum pormenor, hoje, o seu posicionamento político, as suas ideias, a sua forma de ver e analisar os factos. O *Jornal de Lousada* torna-se, por isso, uma fonte primordial para o conhecimento de quem foi e qual foi a actuação política de Teixeira da Mota, embora compreensivelmente tendenciosa pelo facto de nos apresentar apenas um lado da questão – o seu. Procurámos, por isso, complementar essa informação, sempre que possível, com dados recolhidos em outros periódicos e outra documentação.

O primeiro aspecto que ressalta da figura de Teixeira da Mota é o facto de, como referimos, se tratar de um homem dinâmico e influente, de todos conhecido em Lousada, que utiliza as páginas do seu jornal para veicular a sua opinião sobre os mais variados assuntos, em especial, sobre os que diziam directamente respeito ao concelho. Frontal nas posições que assume e que procura sempre justificar, em editoriais mais ou menos longos, numa escrita clara e apurada, que evidenciam o seu bom nível cultural, Teixeira da Mota mostra-se, contudo, muito reservado

relativamente à sua vida familiar, contrariando o que, nessa época, era prática habitual. Efectivamente, tanto quanto temos observado em outras localidades do interior do país para a mesma época, os proprietários e directores de jornais locais procuravam frequentemente promover-se a si e à sua família, dando-se e dando-lhes um destaque especial nas suas páginas, aproveitando para isso todas as oportunidades por mais insignificantes que elas fossem, desde aniversários até resultados nos exames escolares, deslocações para a praia, participação em espectáculos, ou outros. A leitura dessas “notícias” tão profusamente dadas permite-nos reconstituir com grande precisão o percurso familiar de alguns destes homens. No caso de Teixeira da Mota, isso não acontece, apesar de não terem, certamente, faltado, dentro da sua família, bastante numerosa, assuntos passíveis de serem notícia, como a que se refere, em 19 de Dezembro de 1909¹⁰, quando se anuncia a partida para o Rio de Janeiro do “inteligente” filho mais velho do “nosso director”, Manuel Pires Teixeira da Mota, então com 15 anos, com uma primorosa educação, fazendo-se votos para “Que a fortuna o bafeje na vida comercial a que se vae dedicar”, ou a relação que se publica, em 16 de Janeiro de 1910, das meninas do Colégio de Bairros que irão organizar a festividade do Menino Jesus, entre as quais se assinala, sem qualquer referência especial, note-se, a presença de Maria Umbelina Pires Teixeira da Mota. Por razões que se poderão prender, ou não, com as circunstâncias do seu nascimento, José Teixeira da Mota preserva a família dos olhares indiscretos dos leitores do seu jornal. Uma família que se alarga na primeira década do século XX.

Na sequência do falecimento da primeira mulher por complicações pós parto em 29 de Agosto de 1898¹¹, e de quem teve três filhos –

⁸ ADP - *Livro do Recenseamento do concelho de Lousada*, 1891-1893, fl. 2.

⁹ Disponível em <http://www.jornaldelousada.com> [Consult. 15 Junho de 2010].

¹⁰ Erradamente, na pequena biografia que é dedicada a Manuel Pires Teixeira da Mota no livro *O século XX em Lousada*, refere-se o ano de saída para o Brasil como sendo o de 1911 ([s.d.]: 58).

¹¹ ADP - Fundo Paroquial, Silvares, Óbitos, L^o 22, assento n.º 17.

Manuel, Lucinda¹² e Maria das Dores, falecida alguns dias depois do nascimento a 25 de Agosto de 1898¹³ – Teixeira da Mota casa de novo com a cunhada Leopoldina Pinto Nogueira Pires, de 20 anos, em 3 de Abril de 1899¹⁴. Desse casamento vão nascer vários filhos – Maria Umbelina, em 1900¹⁵, José, Alfredo e Maria das Dores, já depois de 1907.

A leitura do *Jornal de Lousada* permite-nos, assim, sobretudo, reconstituir o percurso político de Teixeira da Mota, não só ao nível das convicções como da acção desenvolvida. Um percurso político que nos mostra um homem que, longe de se mostrar irreduzível e radical nas suas posições, acompanha a evolução política do país, não deixando de fazer, cuidadosamente, as opções e as críticas que achava mais correctas. Um aspecto que aliado à diplomacia e à bonomia de carácter que frequentemente lhe atribuem, lhe terão possibilitado ser chefe da secretaria da Câmara ao longo de mais de trinta anos, merecendo a confiança de todas as vereações, apesar de politicamente divergentes (*JL* - Suplemento ao n.º 2228, 9 de Dezembro de 1939), e manter uma aura de prestígio que naturalmente se reflectiu no seu jornal. Um jornal que manteve o seu espaço ao longo de muitos e muitos anos, num caso de longevidade único em Lousada e raro na imprensa regional do interior do país.

Quando o *Jornal de Lousada* inicia a sua publicação em 1907, ainda na vigência da monarquia, Teixeira da Mota está filiado no partido regenerador e integra a sua organização local. Contudo, Antero Pacheco de S. Moreira e Mário Pinto da Fonseca, que o acompanham nessa aventura, têm diferentes posicionamentos políticos. O jornal faz, por isso, questão de se afirmar no primeiro número como apartidário,

reivindicando-se, sobretudo, defensor dos interesses locais. Procurando distanciar-se do que considera então ser prática habitual, o seu objectivo será o de mostrar “que a imprensa local para mais alguma cousa serve do que botar má língua e tratar de política” (*JL* - 1 de Setembro de 1907, p.1). Estando aqui implícita, ou não, uma crítica ao *Vida Nova*, o único periódico que então se publicava no concelho de Lousada, em pouco tempo, se verificou, contudo, que a apregoada imparcialidade era impossível de manter. Com a saída do lugar de director de Antero Moreira, ligado ao partido nacionalista e apoiante de João Franco (*JL* - 10 de Agosto de 1940, p.1), as críticas contundentes ao governo por ele liderado ganham espaço na primeira página do *Jornal de Lousada*, agora dirigido por Teixeira da Mota. Assim, em 10 de Novembro de 1907, o editorial intitulado “Tenha juízo”, parafraseia o “saudosos” chefe dos regeneradores, Hintze Ribeiro, num conselho dado a João Franco. Sublinhando que o ditador estava ferido de morte, o *Jornal de Lousada* abre com isso uma autêntica campanha contra o presidente do governo, transcrevendo, na íntegra, vários artigos publicados no órgão do partido regenerador, *O Popular*.

Contudo, o seguidismo partidário, cego e acéfalo, não é característico de Teixeira da Mota. Em 15 de Dezembro de 1907, isso fica muito claro ao criticar claramente as posições assumidas pelos partidos progressista e regenerador face à situação de crise que então se vivia. Sem deixar margens para dúvidas, o *Jornal de Lousada* afirma que não vive acorrentado nem preso a nenhum dos partidos em jogo, não obstante o seu director “estar, como todos sabem, desde há muitos annos, filiado no partido regenerador, ao qual tem consagrado o melhor do seu talento e da sua actividade. Os seus deveres de partidário fiel e dedicado não se contrapõem dirigir a

¹² Lucinda nasceu a 31 de Março de 1896 (ADP - Fundo Paroquial, Silvares, Baptismos, Lº 23, assento n.º 12).

¹³ ADP - Fundo Paroquial, Silvares, Baptismos, Lº 25, assento n.º 16. Maria das Dores faleceu 9 de Setembro de 1898 (ADP - Fundo Paroquial, Silvares, Óbitos, Lº 22, assento n.º 18).

¹⁴ ADP - Fundo Paroquial, Silvares, Casamentos, Lº 23, assento n.º 3.

¹⁵ ADP - Fundo Paroquial, Silvares, Baptismos, Lº 27, assento 29.

opinião pública, ou palpitá-la nos seus desabafos sinceros”. Abertamente, crítica o facto dos chefes políticos não terem ido mais longe nas posições assumidas, porque, escreve, como alguém em Lousada dissera, os chefes e os marechais dos partidos, infelizmente “não fazem caso dos pategos da província” (*JL* - 15 de Dezembro de 1907, p.1).

Consciente da pequena dimensão de Lousada, do reduzido peso político que detinha, Teixeira da Mota, nos seus editoriais, sempre que a situação o exigia, vai além da pequena política local e traz aos seus leitores excelentes artigos para reflexão sobre a política nacional. Nos primeiros dias de Janeiro de 1908, depois da substituição das câmaras municipais eleitas pelas nomeadas pelos governadores civis, conforme determinação governamental, Teixeira da Mota não deixa de reclamar de forma contundente, sublinhando a incapacidade dos partidos políticos em fazer uma oposição eficaz a João Franco, escrevendo, mesmo, que os partidos monárquicos morreram, “Resem-lhes pela alma” (*JL* - 12 de Janeiro de 1908, p.1)

Como não poderia ser de outra forma, no número de 9 de Fevereiro de 1908, o *Jornal de Lousada* dedica toda a sua atenção ao assassinato do rei e do príncipe herdeiro, ocorrido alguns dias antes. Não enfatiza, contudo, o seu luto pela utilização nas suas páginas de molduras negras, como outros, em outras localidades, optam por fazer. Dando voz à grande questão que, sobretudo, nas cidades de Lisboa e Porto, merecia a atenção da opinião pública, Teixeira da Mota preocupou-se em analisar qual o melhor sistema político para o país – se a monarquia ou a república. Embora reconhecendo que em Lousada, “a república (...) está ainda muito verde” (*JL* - 5 de Abril de 1908, p.1.), e que a monarquia contava com uma base de apoio alargada, Teixeira da Mota faz uma análise desapaixonada da questão, defendendo a impossibilidade da implantação da república, naquele momento, tendo em conta que “o nome de Portugal seria riscado do número das nações livres. Morreríamos e morreríamos ingloriamente. Somos um paiz

comprometidíssimo. Devemos oito centos mil contos”. E explica, numa linguagem clara mas firme: o país estava hipotecado a nações estrangeiras e qualquer mudança de governo as levaria a pedir os seus capitais não havendo então condições em Portugal para o seu pagamento. Manifesta, por isso, o seu apoio à monarquia, concluindo que “pela nossa parte, como regenerador que somos, damos também o nosso humilde apoio ao governo” (*JL* - 10 de Janeiro de 1909, p.1.) de Campos Henriques. Mais do que uma opção ideológica, a manutenção da monarquia é, para ele, uma questão prática de sobrevivência do país.

Menos de dois anos depois, a implantação da república em 5 de Outubro de 1910 vai obrigar Teixeira da Mota a rever, cautelosamente, o seu discurso. Sem tecer grandes considerações, na edição do dia 9 de Outubro, sob o título “Revolta republicana”, lamenta a luta fratricida, fazendo votos para que “o sangue português já derramado marque uma era de benefício para a Patria, que afinal é constituída por todos os portugueses” (*JL* - 9 de Outubro de 1910, p.1). Alguns dias depois, perante a irreversibilidade da situação, o discurso procura ser, sobretudo, consensual e pacificador como era seu timbre: “Assim, esperamos da nascente republica a pureza das intenções que o seu ideal abrange. Certamente ella não dispenderá as suas energias, tão precisas n’este momento, em perseguições desenfreadas que ninguém motiva e nada justifica. Confiamos na intelligencia e no coração dos homens que hoje estão á frente do governo e esperamos que as suas vistas se dirijam principalmente ao engrandecimento do paiz que bem merece todos os cuidados - grave enfermo que a monarchia, como velha rabugenta, abandonou” (*JL* - 23 de Outubro de 1910, p.1). E logo a seguir justifica perante a população de Lousada o seu novo alinhamento político: “Sem duvida que, na vigência da monarchia, defendíamos um dos seus principaes partidos - aquelle que nos parecia mais consentâneo com os interesses da Pátria, e mais adequado às necessidades e conveniências da terra. Mas nem por isso fomos sabujos ou escravos da monarchia. Muitas e muitas vezes aqui verberamos os seus

desatinos e delapidações; e contávamos entre os nossos colaboradores, alguns reconhecidamente republicanos”. E mais à frente escreve, “Com a implantação da República o *Jornal de Lousada* não bajulou como tantos fizeram os seus implantadores, nem deixou de lamentar o destronado. Reconhecendo a impossibilidade em que se debatia a monarquia para salvar a nação, o *Jornal de Lousada* saudou independentemente a nova forma de governo. Sem ódios. Vê bem a nova lei da amnistia promulgada. A República não é nem pode ser monopólio dos triunfadores, é de todos os portugueses (...) Pretender abrir cisão entre esta, distinguindo entre republicanos de velha data e aderentes d’agora, seria ressuscitar os ominosos tempos de christãos novos que, para honra de todos, já passou aos domínios da história” (*JL* - 27 de Novembro de 1910, p.1). Perante o sistema recém-implantado é este o seu posicionamento. Sem grandes festejos mas também sem grandes manifestações saudosistas, Teixeira da Mota mostra-se expectante relativamente ao futuro do país e da sua terra.

Contudo, profundo conhecedor da realidade religiosa do povo português, Teixeira da Mota não deixa de alertar para a impopularidade que a adopção de medidas contra o catolicismo poderia trazer para a jovem república (*JL* - 13 de Novembro de 1910, p.1). O bom relacionamento com o clero local é, mesmo durante a época conturbada dos inícios da república, uma outra característica de Teixeira da Mota. Muitos anos mais tarde, o abade de Cristelos, o padre Joaquim Coelho da Silva, fez questão de salientar esse facto, referindo que após 1910, o clero foi enxovalhado nos concelhos vizinhos mas não em Lousada onde “havia calma quase absoluta”¹⁶. No seu entender, “Para isso muito contribuía a prudência consumada de José Teixeira da Mota, que ocupava então um lugar preponderante, e que soube suavizar muitos atritos, limar muitas

arestas, desfazer muitos preconceitos e arredar muitos perigos”. Dá ainda como exemplo, as eleições de 1924 em que o Centro Católico Português apresentou um candidato patrocinado pelo bispo do Porto, D. António Barbosa Leão. Embora militasse num partido muito diferente, “o favor de José Teixeira da Mota era um factor decisivo para o triunfo da candidatura católica” (*JL* - 13 de Abril de 1940, p.1) pelo que lhe pediu ajuda. Ele prometeu incluir o nome do candidato em todas as listas que dependessem da sua influência eleitoral. E terá cumprido, apesar das pressões em contrário. Nas vésperas das eleições, o bispo voltou a pedir em favor do candidato a senador católico, D. José de Lencastre e Mota. Apesar de contrariado, Teixeira da Mota ajudou de novo e o referido candidato venceu.

Ao longo da primeira república, as cisões dentro do partido republicano vão levar Teixeira da Mota a fazer novas opções políticas inevitavelmente reflectidas no posicionamento do seu jornal. Na passagem do oitavo aniversário do *Jornal de Lousada*, em 1915, afirma-se “alheiado dos partidos embora não esconda a simpatia pelo evolucionismo que melhor se coaduna com o espírito conservador do País” (*JL* - 8 de Agosto de 1915, p.1). O Partido Evolucionista, liderado por António José de Almeida, resultara da cisão ocorrida no Partido Republicano Português em 1912 e vai manter-se com essa designação até 1919, quando se funde com o Partido Unionista de Brito Camacho. Parecendo ter enveredado definitivamente pela via republicana, Teixeira da Mota, como funcionário da Câmara e proprietário de um jornal, vai ter de gerir com algum cuidado o seu posicionamento político, sobretudo, em alturas de maior instabilidade política. Embora dispusesse de outras fontes de rendimento como a tipografia¹⁷ onde era impresso o seu jornal e onde fazia outro tipo de trabalhos, contando entre os seus clientes com a Câmara Municipal¹⁸,

¹⁶ Ver a esse propósito *O século XX em Lousada*, [s.d.]: 25.

¹⁷ O primeiro anúncio à tipografia do *Jornal de Lousada*, na rua Visconde de Alentém, aparece publicado no dia 9 de Agosto de 1908.

¹⁸ Em 7 de Janeiro de 1933, o jornal *Heraldo*, sob o título *Inigmatico* exprime a sua “surpresa” pelo facto de existirem duas tipografias em Lousada, a sua e a do *Jornal de Lousada*, e apenas a esta a Câmara Municipal requisitar os seus impressos e publicações (*Heraldo*. Lousada. 7 de Janeiro de 1933, p. 1).

e, pelo menos, desde 1920, no mesmo edifício, tivesse em sociedade com um dos filhos, o estabelecimento A Comercial, onde se vendia todo o tipo de produtos¹⁹, Teixeira da Mota agiu, sempre que a gravidade da situação o exigia, com muito tacto. É o que acontece quando em 20 de Janeiro de 1919 é proclamada a monarquia e, perante uma vila em festa, o *Jornal de Lousada* o anuncia na primeira página, no número do dia 26 de Janeiro, dando conta do “entusiasmo delirante” da população. Um entusiasmo que durou pouco tempo. No dia 13 de Fevereiro, a república volta a ser implantada perante os comentários de Teixeira da Mota, “Era de prever, embora nos fosse vedado dizê-lo, o malogro da tentativa da restauração monárquica operada no Porto em 19 de Janeiro findo. Ninguém, passada a surpresa dos primeiros momentos, desfeita a ilusão das notas oficiosas – incompletas e sem confirmação – poderia ter dúvidas sobre o fracasso, mais ou menos próximo, da última tentativa restauracionista” (*JL* - 16 de Fevereiro de 1919, p.1).

Continuando activo e politicamente empenhado, anos mais tarde, em 1923, José Teixeira da Mota é eleito para a comissão municipal do concelho do Partido Republicano Português (*JL* - 15 de Julho de 1923, p.1). Está então com 55 anos e prestes a abandonar a direcção do seu jornal, o que fará em 2 de Abril de 1927, alegando razões de saúde e “talvez” (*JL* - 2 de Abril de 1927, p.1) por ter de se ausentar do concelho. Por detrás desta lacónica informação, poderá estar o envolvimento do filho Manuel (o mesmo que, como referimos, emigrara em 1909 para o Brasil) no movimento político de 7 de Fevereiro desse ano, contra a ditadura militar instituída em 28 de Maio de 1926²⁰. Mas não só. O contexto político era agora outro. O percurso republicano de José Teixeira da Mota não lhe permitia estar de acordo com a nova realidade política após 1926. Como se afirma num artigo publicado no *Jornal de Lousada*, em

sua memória, em 1940, “tendo exercido notável actividade política numa época em que o espírito sectário assumiu a mais incrível das virulências, José Teixeira da Mota apegou-se a tudo o que pudesse combater-lo. E quando compreendeu que tinha passado a sua hora, retirou-se não querendo estragar o melhor do seu trabalho com a obstinação de permanecer”. A “sua hora” claramente não era a da Ditadura Militar. Contudo, embora distanciado da direcção do seu jornal, pelo menos oficialmente (ou talvez por isso mesmo, por dessa forma poder ter maior liberdade de movimento), que durante tantos anos fora um dos principais palcos da sua actuação política, Teixeira da Mota não baixou os braços e procurou resistir activamente. Em Julho de 1927, é ele que preside a um comício contra a extinção da comarca de Lousada promovida pela ditadura e, no jornal que já não dirige mas que continua a ser seu, a linguagem é clara e forte – o povo de Lousada deveria pegar em armas para lutar pela reposição da comarca. As consequências não demoraram a fazer-se sentir - o *Jornal de Lousada* é suspenso, em 23 de Julho de 1927, pelo administrador do concelho, tenente António da Cunha. Laconicamente, o proprietário José Teixeira da Mota e o director Alfredo José Ferreira fazem publicar um comunicado aos leitores em que referem a suspensão do *Jornal de Lousada*, salientando que, contudo, por falta de liberdade de expressão, nada poderiam comentar (*JL* - 23 de Julho de 1927, p.1).

O afastamento de Teixeira da Mota em Abril de 1927 da direcção do seu jornal, vai levar, com ou sem o seu acompanhamento, ao endurecimento da polémica com o *Vida Nova*, publicado na Aparecida e dirigido pelo seu amigo de infância, Abílio de Magalhães. Ao fazer-se substituir por Alfredo José Ferreira que, sem os pruridos de estar a trair uma antiga amizade, passa a denominar o *brasileiro* da Aparecida (Monteiro e Maia, 2009) de “sr. Abilinho «Bigodes de Arroz» de Magalhães” (*JL* - 4 de Maio de 1927,

¹⁹ O primeiro anúncio ao estabelecimento comercial aparece publicado no *Jornal de Lousada*, na página 3, no dia 19 de Setembro de 1920.

²⁰ Sobre a vida de Manuel Pires Teixeira da Mota ver *O século XX em Lousada*, [s.d.]: 58.

p.1), ou simplesmente “Mestre Bigodes”, e o *Vida Nova* de “imunda gazetoria” (*JL* - 7 de Maio de 1927, p.1), o *Jornal de Lousada* torna-se mais contundente. Em contrapartida, o *Vida Nova* apelida o periódico lousadense de “pasquim nojento”, acusando Teixeira da Mota de se manter na direcção, embora, cobardemente, opte por não dar a cara (VN - 10 de Março de 1928, p.2). Na realidade, se o nome de Teixeira da Mota no cabeçalho do *Jornal de Lousada*, como director, determinara ao longo dos anos uma contenção de palavras e uma elevação da argumentação, o seu afastamento, a partir de 1927, fê-lo resvalar para o ataque pessoal, irónico, mas forte. Esta não era, no entanto, a primeira polémica de Teixeira da Mota e do *Jornal de Lousada* com o periódico *Vida Nova*. Mercê da diferente orientação política dos seus directores e proprietários, os dois periódicos sempre assumiram posições divergentes, inquinando claramente o seu relacionamento. Em 1907, o *Vida Nova* era um “ardoroso paladino da politica do governo (franquista) e adversário intransigente da Câmara Municipal e de José Teixeira da Mota, secretario da mesma e grande amigo pessoal e político do conselheiro Campos Henriques” (*JL* - 10 de Agosto de 1940, p.1), um regenerador convicto.

Em Janeiro de 1910, Teixeira da Mota, através do *Jornal de Lousada*, travou uma importante batalha em torno do que considerava ser a defesa dos interesses de Lousada - a chamada questão das cadeias. Uma questão complexa que se arrasta, desde 1909, entre a Câmara Municipal e o procurador régio da comarca, Alberto Tomás David, e que, como referimos atrás, levou à sua demissão de administrador do concelho. Em causa estava a disponibilização por parte da edilidade camarária, desde 1893, de duas salas no seu edifício para servir de cadeia, em troca do pagamento de 200 réis aos cofres municipais pelos presos que aí ficassem, e o facto do referido procurador, por falta de condições nas cadeias oficiais, as ter ocupado com presos que não

tinham possibilidades de pagar a quantia definida (*JL* - 2 de Janeiro de 1910, p.1). O *Jornal de Lousada* vai manter esta questão nas suas páginas de uma forma muito intensa ao longo de muito tempo, através dos editoriais, cartas dos leitores ou a publicação de artigos ou versos jocosos como o *Pelourinho do Farronca*, assinado sob o pseudónimo Cantharida, até que, em Setembro de 1910, finalmente, um officio do Ministério do Reino lhe vem pôr fim ao reconhecer os direitos da Câmara Municipal (*JL* - 18 de Setembro de 1910, p.1).

A forma como este assunto mereceu a atenção do *Jornal de Lousada*, desde logo suscitou a crítica do *Vida Nova*, então dirigido pelo seu proprietário e director, o padre Albino Júlio de Magalhães²¹. Razão pela qual o *Jornal de Lousada*, mantém, ao longo de 1910, duas frentes para o mesmo combate – uma contra o procurador régio da comarca e outra contra o jornal da Aparecida. Quanto à primeira, José Teixeira da Mota virá a ser julgado em tribunal, em 1 e 2 de Janeiro de 1910, acusado de abuso de liberdade de imprensa, por causa do conteúdo de alguns versos em que o referido procurador se viu jocosamente retratado. Contando para a sua defesa com uma parte significativa da Câmara Municipal, entre a qual o seu presidente, José Freire da Silva Neto, e o vice-presidente Dr. Joaquim Moura, Teixeira da Mota acaba por ser absolvido do crime de que vinha acusado, o que foi festivamente comemorado por toda a população (*JL* - 2 de Janeiro de 1910, p.1). Quanto à segunda, defende-se com seriedade e correcção, salientando estar a agir em defesa do bom nome do concelho “que vinha sendo vilipendiado n’uma lucta inglória” (*JL* - 7 de Agosto de 1910, p.1-2). Parecendo-nos sempre fugir a um confronto aberto, Teixeira da Mota dá voz, nas páginas do seu jornal, a alguns colaboradores que assumem a sua defesa. É o que acontece em 27 de Fevereiro de 1910, quando, numa local, se faz referência ao facto de o padre Albino ter mencionado a dois cavalheiros, numa

²¹ Embora publicado desde 1903, a hemeroteca da Biblioteca Municipal do Porto, apenas possui os números do *Vida Nova* a partir de 6 de Novembro de 1910. É baseado neste número que referimos o padre Albino Júlio de Magalhães como seu proprietário, editor e director, até 30 e Junho de 1912, quando suspende a publicação e emigra para o Brasil.

viagem de comboio, proveniente do Porto, dever-se a polémica a uma questão de desagravo pessoal entre ele e Teixeira da Mota, por este ter participado nos negócios da irmandade do Unhão, o que, afirma-se no *Jornal de Lousada*, era completamente falso (*JL* - 27 de Fevereiro de 1910, p.2).

Em 1926, com o reaparecimento do *Vida Nova* após uma longa ausência de mais de catorze anos, agora como propriedade e sob direcção de Abílio de Magalhães, recém-chegado do Brasil, os dois jornais, o mesmo será dizer os seus directores e proprietários, embrenham-se em nova polémica, a que as motivações políticas não serão certamente estranhas. Agressivo, o *Vida Nova* não poupa o *Jornal de Lousada* e, de forma mais ou menos directa, Teixeira da Mota. Contudo, claramente, tal como acontecera em 1910, este procura manter a sua habitual correcção. Em 5 de Março de 1927, afirma o propósito, no *Jornal de Lousada*, de manter a “atenção” com o *Vida Nova* atendendo ao facto de os respectivos directores estarem ligados por uma “velha amizade que o tempo cada dia mais vem cimentando”. Rebate-o, no entanto, quando Abílio de Magalhães lamenta que até 1925, ou seja, até ao final da república, os edifícios e as estradas municipais em Lousada estivessem votados ao abandono co-responsabilizando dessa situação o *Jornal de Lousada* como “órgão da situação dominante de longos anos” (*JL* - 5 de Março de 1927, p.1).

Na realidade, as diferenças entre os dois periódicos são assinaláveis. Enquanto Abílio de Magalhães, conhecido de todos como monárquico, aplaude em 1926 o fim da primeira experiência republicana em Portugal que o levou a “exilar-se”, no Brasil, desde 1912 (*VN* - 19 de Junho de 1926, p.1), José Teixeira da Mota é um republicano assumido. Por sua vez, o *Vida Nova* é um jornal com sede numa freguesia periférica do concelho, circunscrito, quer ao nível da informação veiculada, quer dos seus leitores, à localidade da Aparecida, utilizado sobretudo para a propaganda comercial do seu proprietário, enquanto o *Jornal de Lousada*, publicado no centro de Lousada, procurava cobrir, quer pelas

notícias que publicava, quer pela divulgação que tinha junto dos lousadenses, todo o concelho. Alimentada activamente ao longo de dois anos, esta polémica acaba naturalmente por esmorecer nos finais de 1928, seis anos antes do *Vida Nova* ter cessado a sua publicação.

Um artigo publicado em 1940, no *Jornal de Lousada*, intitulado “Que foi a política para Teixeira da Mota?”, não assinado, mas redigido por alguém que com ele privara de perto, termina com a pergunta “Que foi, pois, a política para José Teixeira da Mota? A resposta é clara - foi “A arte e a ciência de SERVIR: - de servir a sua Pátria, o seu concelho, os seus amigos... e até os seus adversários” (*JL* - 7 de Dezembro de 1940, p.1). Na realidade, e apesar da compreensível dimensão panegírica de um jornal que foi seu e que os seus filhos continuam a assegurar depois da sua morte, José Teixeira da Mota foi, acima de tudo, um fervoroso defensor dos interesses de Lousada – como secretário da Câmara Municipal, como administrador do concelho, como activista político e, sobretudo, no jornal que dirigiu, pela visibilidade que deu às várias questões locais que trouxe a lume e debateu.

Embora tenha surgido inicialmente sob o lema “Por Deus, pela Pátria e pela Família. Liberdade, Justiça, Amor e Paz” (*JL* - 11 de Agosto de 1907, p.1), treze números depois, após a saída de Antero Pacheco, o jornal de Teixeira da Mota passa a ostentar no cabeçalho como subtítulo “semanário defensor dos interesses do concelho” (*JL* - 3 de Novembro de 1907, p.1). Assumia assim, aquela que será sempre a sua principal faceta. Norteando-se por princípios éticos - “As nossas columnas nunca foram vasadouro publico de calumnias, de torpezas, de escândalos, de immundicies sociaes, nem de insinuações baixas, mesquinhas, infames”, as páginas do *Jornal de Lousada* assumem-se como um veículo de difusão de reivindicações e chamadas de atenção, revestindo-se muitas delas de verdadeiras campanhas em prol dos interesses locais mais variados. Das mais básicas às mais utópicas. A necessidade de obras na rua de Santo António é uma das primeiras,

merecendo a atenção dos editoriais publicados entre 25 de Agosto e 22 de Setembro de 1907. Contudo, a já atrás referida questão das cadeias, vai constituir a grande campanha do *Jornal de Lousada* em defesa da Câmara Municipal e contra o procurador régio da comarca, merecendo longos e pormenorizados editoriais da autoria de José Teixeira da Mota, publicados entre Janeiro e Fevereiro de 1910, em defesa do bom nome do concelho “que vinha sendo vilipendiado n’uma luta inglória” e do dos lousadenses qualificados de “horda de arruaceiros” (*JL* - 7 de Agosto de 1910, p.1- 2).

Procurando ser uma voz pacificadora, Teixeira da Mota vai assumir grande protagonismo numa outra questão que, no Inverno de 1915, fez tocar os sinos a rebate e juntar a população armada com enxada e foices, no centro da então vila de Lousada, procurando impedir a saída do concelho dos cereais que, nessa época, escasseavam. Incapaz de resolver a situação, o administrador do concelho requereu as forças militares para conter a revolta que se apresentava iminente. A narrativa pormenorizada dos acontecimentos do *Jornal de Lousada* evidencia a forma como Teixeira da Mota acompanhado de Alfredo Nogueira de Sousa Freire, regedor de Silves, conseguiram, através do diálogo, resolver a situação e sanar o incidente (*JL* - 10 de Dezembro de 1915, p.1) que chegou a ser levado ao Parlamento, na sessão de 9 de Dezembro, pelo deputado Eduardo Osório²².

Trazer o caminho-de-ferro a Lousada terá sido, pensamos nós, um dos maiores desafios em que Teixeira da Mota se envolveu de forma directa e empenhada, em prol da sua terra. Após ter feito referência pela primeira vez à possibilidade de se construir um caminho-de-ferro em Lousada em 1 de Março de 1908 (*JL* - 1 de Março de 1908, p. 1), Teixeira da Mota vai estar na primeira linha do que considerava ser um factor essencial para o desenvolvimento da região. Tendo tomado parte na reunião que teve lugar, em 13 de Dezembro desse ano, nos Paços do Concelho de Lousada, com a presença do principal impulsionador, Cerqueira Magro, Teixeira da Mota integra

de imediato a comissão da localidade para a subscrição de acções, juntamente com o presidente da Câmara, o visconde de Lousada José Freire da Silva Neto, e muitos outros nomes de referência, assumindo as funções de secretário (Ferreira, 2000:16-17). Em 1911 é eleito entre os 95 accionistas para os corpos gerentes da Assembleia Geral da Companhia de Caminho de Ferro de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios, desempenhando igualmente as funções de segundo secretário (Ferreira, 2000:27), sendo reeleito em 1914 para o mandato que viria a terminar em 1917 (Ferreira, 2000:56).

A 8 de Novembro de 1913, José Teixeira da Mota integra a comissão de festejos e é certamente com muito orgulho que viaja de Lousada no comboio rebocado pela máquina Lousada para a estação de Novelas a fim de receber a direcção do caminho-de-ferro (Ferreira, 2000:39). Era a concretização de um sonho, que, contudo, os efeitos negativos da Primeira Guerra Mundial, onde tivera um filho a combater, vão pôr em causa. Consciente desse facto, após 1917, Teixeira da Mota vai chamar a atenção no seu jornal para os erros da Companhia que explorava a linha e enceta uma verdadeira campanha em defesa da manutenção do caminho-de-ferro opondo-se à possibilidade da venda e levantamento do material, “Porque a linha, hoje, é nossa” argumenta (*JL* - 30 de Maio de 1920, p.1). A municipalização e electrificação do caminho-de-ferro é a grande solução que advoga para a salvar (*JL* - 13 de Junho de 1920, p.1), pois “Louzada tem direito à vida e ao progresso e para isso é indispensável a circulação ferro-viária” (*JL* - 8 de Julho de 1923, p.1). Uma batalha inglória que Teixeira da Mota e o seu jornal acabarão por perder com o levantamento da linha em 1937 (Morgado e Monteiro, 2008:54), e a que certamente terá assistido pesaroso e impotente, dois anos antes do seu falecimento, em 8 de Dezembro de 1939, acentuando, após uma vida tão intensamente vivida, a desilusão com uma época que, claramente, já não era a sua.

²² Câmara dos Deputados. Sessão de 9 de Dezembro de 1915, p. 4.

Bibliografia

Documentos manuscritos

ADP - Arquivo Distrital do Porto (ADP)

Fundo Paroquial, Silvares, Baptismos.

Fundo Paroquial, Silvares, Casamentos.

Fundo Paroquial, S. Fins do Torno, Baptismos.

Livro do Recenseamento do concelho de Lousada, 1891-1893.

Periódicos

GP - *Gazeta de Penafiel*

JL - *Jornal de Lousada*

H - *Heraldo*

VN - *Vida Nova*

Estudos

CARDOSO, C. (2008) - A Rua de Santo António o mais antigo e pitoresco arruamento de Lousada. *Revista Municipal de Lousada*. Suplemento de Património.

FERREIRA, J.F.C. (2000) - *O Caminho-de-ferro de Penafiel à Lixa e Entre-os-Rios*. 3ª ed. Lousada: Câmara Municipal

LOUSADA. *Colectânea de Autores Locais*. Lousada: Câmara Municipal, 2002. Vol.1.

MAIA, F.P.S. e MONTEIRO, I.B.C. (2011) - O Duplo Centenário das Invasões Francesas. Balanço de uma comemoração. *e-Journal of Portuguese History* (aceite para publicação para o n.º Summer 2011).

MONTEIRO, I.B.C. e MAIA, F.P.S. (2008/2009) - Em defesa dos interesses da Senhora Aparecida - os “brasileiros” e o desenvolvimento local. *OPPIDUM*. N.º 3. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.195-207.

SÉCULO (O) XX em Lousada: 100 factos e personalidades. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, [s.d.].

SILVA, I.M. e MONTEIRO, I.B.C. (2008) - *Lousada - Percursos de Memória*. Porto: Reviver Editora.

VAQUINHAS, I. (coord.) (2010) - A Idade Contemporânea. In MATTOSO, José (dir. de) - *História da Vida Privada*. [S.l.]: Círculo de Leitores.

Documentos Electrónicos

Jornal de Lousada [Em Linha]. [Consult. 15 Junho de 2010]. Disponível em WWW: URL_ :<http://www.jornaldelousada.com>